

Análise em tempo de pandemia

Larissa Bastiani Roggia¹

Resumo: O presente artigo apresenta reflexões sobre as adaptações que estão ocorrendo no tratamento psicanalítico, a partir das restrições impostas no atendimento presencial pelo cenário da pandemia de covid-19. Busca discutir sobre a rápida transição da análise dos consultórios para o cenário virtual e on-line, identificando as possibilidades de manutenção e adaptação dos elementos que compõem a situação analítica. Para dar sustentação teórica a esta análise, recorreu-se a Freud, aprofundando sua teoria nas ideias de Laplanche, em especial nos conceitos sobre a tina ou cuba psicanalítica. Autores atuais forneceram subsídios para se pensar o atendimento on-line pelo viés da psicanálise.

Palavras-chave: Análise on-line. Covid-19. Freud. Laplanche. Situação analítica.

Introdução

Em janeiro de 2020, a China anunciou as primeiras mortes provenientes do coronavírus e a contaminação massiva da sua população. Em 25 de fevereiro, o Brasil já havia registrado seu primeiro caso. No dia 11 de março, a Organização Mundial de Saúde declarou que a doença adquiriu o status de pandemia. O anúncio da contaminação em massa do coronavírus exigiu uma série de mudanças na sociedade como um todo. Situações corriqueiras que reconhecíamos como parte de nossa existência simplesmente se esvaíram. Nesse cenário atual, cada sujeito sentiu de um jeito, de acordo com o lugar que

¹ Especialista em Teoria Psicanalítica na Clínica Psicoterápica. Psicanalista em Formação na Constructo-Instituição de Psicanálise.

ocupa: lugar social, profissional, nas relações e enquanto sujeito individual. Um sujeito portador de uma história, que percorreu uma trajetória particular na sua constituição psíquica, e que esta, agora, se tornará aparente diante de tal situação de crise. Ficamos privados de muitas coisas, mas ainda é possível pensar, falar e se reinventar.

Assim tem ocorrido com a análise, que teve que se reinventar. Não havia mais consultório, não havia divã, nem presença física. Alguns já vinham pensando sobre o trabalho on-line há algum tempo, outros resistiam, mas se viram sem saída. A realidade se impôs para todos. Tinha-se apenas uma opção: o mundo on-line, o virtual. Não, Freud não falou sobre isso. Entretanto, sabemos que ele era um homem à frente do seu tempo. Então, a proposta deste artigo é analisar, sob a perspectiva laplanchiana, se é possível preservar em essência a situação analítica, com todos os ajustes que têm sido necessários para esse período.

Desse modo, o presente artigo se balizou teoricamente na obra freudiana e em especial nas ideias de Laplanche sobre a situação analítica. Alguns subsídios para sustentar reflexões sobre o atendimento on-line foram buscados em autores psicanalistas atuais. A partir disso, realizou-se uma discussão sobre a possibilidade de continuidade dos tratamentos em andamento no contexto virtual, através da análise sobre a manutenção e a adaptação dos elementos constituintes da situação analítica, com a ilustração de vinhetas clínicas.

A psicanálise

Laplanche se questiona sobre a “análise fora da análise”: “em que sentido, na análise aplicada, existe algo que possa se assemelhar a uma análise?”. E mais: “e se nesta última, pouco ou nada resta da situação analítica, qual a sua legitimidade?” (Laplanche, 1993, p. 4). Para introduzir esse assunto, é viável retomar uma reflexão de Laplanche sobre o significado da psicanálise, a partir de Freud. Ele nos lembra que a psicanálise foi definida pelo seu fundador, primeiramente, enquanto método de investigação do inconsciente, a seguir, como um método de tratamento e, por fim, uma teoria. O primeiro diferencial que caracterizou a psicanálise, portanto, foi o método de acesso a um novo objeto, até então inexplorado pela psicologia e pelas ciências naturais: o inconsciente. Inclusive, grandes produções freudianas se passaram fora do espaço do tratamento, mas atravessadas por esse método. É como se a própria clínica parecesse para Freud como mais um dos cenários no qual o método psicanalítico poderia ser aplicado.

Laplanche trata a psicanálise fora do tratamento como psicanálise exportada ou transposta: aquela aplicada à vida cotidiana, aos fenômenos culturais. Ele

a compara à psicanálise no tratamento, constatando que essa última buscaria uma ação terapêutica frente ao sofrimento do sujeito (Laplanche, 1993, p. 119). Enumera alguns elementos presentes na análise tentando constituir o que existe de específico nesse formato: a relação de fala, a regra fundamental, a neutralidade, a interpretação, a transferência, o *setting*, as recusas, entre outros (Laplanche, 1993, p. 5).

Na tentativa de delimitar a psicanálise dentro e fora do tratamento, Laplanche admite que a sexualidade, no sentido freudiano, poderia se passar tanto na análise quanto na psicanálise transposta. A diferença parece ter sido atribuída à capacidade do tratamento de manter essa sexualidade “em fusão” (Laplanche, 1993, p. 135), maleável e disponível para novas inscrições, desde que contida dentro de um campo imaterial que nomeou de tina. Laplanche utiliza a metáfora da tina ou cubeta psicanalítica para falar do espaço da análise, formado pelas condições e pelas regras do tratamento que incitam a expressão do pulsional ao mesmo tempo que o preservam, dentro de certos limites, como será explicado a seguir. Para ele, a presença do analista e a possibilidade de aplicação da associação livre são os elementos que possibilitam a manutenção da sexualidade nesse estado de fusão, diferentemente do que ocorre com a psicanálise exportada.

A situação analítica

Revisar conceitos sobre a situação analítica pode nos permitir pensar melhor sobre o que é possível hoje. Em 25 de novembro e 16 de dezembro de 1980, Laplanche já dizia que falar da “situação analítica é evidentemente descrever uma situação a dois, uma comunicação de um tipo muito singular, comunicação que só se produz a partir do momento em que são definidos certos parâmetros” (Laplanche, 1993, p. 116). Esses aspectos formatam a noção de espaço da análise, o dentro e o fora desta. Laplanche diz que “definir um espaço é também definir um tipo de energia ou de pulsão que nele funciona, que o estrutura, que o organiza e que seja, portanto, específico dele” (Laplanche, 1993, p. 67). Isso nos remete a algo que está para além do local físico, propriamente dito, algo imaterial que extrapola o consultório concreto e que se instala nele.

A instauração do espaço analítico é o termo utilizado por Laplanche. Ele refere que o que instaura esse espaço é “a regra da análise, tanto a regra fundamental quanto outros artigos explícitos, que definem a situação em seu espaço-tempo, mas também outras prescrições jamais formuladas que, no entanto se impõe à análise” (Laplanche, 1993, p. 69). Representa esse dentro

e fora da análise através do seu conceito, já mencionado, sobre a tina, a cubeta psicanalítica: um esquema composto por dois cilindros, um contendo o outro, preservando um ponto de interseção ou de tangência entre eles, que permite que eles interajam. O cilindro interno define como representante das pulsões sexuais e o externo, como o autoconservativo.

Essa formatação do espaço da análise, com características próprias, propiciará o aparecimento desse sexual, que ultrapassa a genitalidade e abrange uma teoria das pulsões própria de Laplanche, que parte de Freud, mas adquire uma conotação particular. Ele define algumas premissas para o sexual: o pansexualismo, o apoio e o narcisismo. Sob esse ponto de vista, tentou comprovar sua premissa inicial de que “há sexual em toda parte” (Laplanche, 1993, p. 125). Acredita, então, que alguma face da sexualidade pode ser encontrada em todos os acontecimentos humanos, porém, considera que não existe apenas o plano sexual, ressaltando o papel do autoconservativo, como vimos. Esses dois planos, que compõem a tina, o espaço da análise, permitem que ali aconteça, por meio da transferência, coisas próprias de uma época única do sujeito, da sua infância, tornando-a um “lugar privilegiado de surgimento do sexual” (Laplanche, 1993, p. 126). Sobre isso, Luiz Carlos Tarelho nos fala em seu artigo *A teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche e o descentramento do ser humano*:

Para que essa reabertura possa ocorrer, é preciso ainda que o paciente encontre nesse espaço uma garantia de que poderá lidar com as angústias decorrentes e manter minimamente a coesão psíquica. Isso tem a ver com uma função que Laplanche chama de “suporte da constância” (Laplanche, 1992b, p. 430), algo parecido com a ideia de continência e que encontra apoio na constância da presença, na constância de um acolhimento e na constância de uma atenção flutuante, sem perder de vista, entretanto, a sustentação de um enquadre. Uma função que, digamos de passagem, não deixa também de contribuir para a re-instauração da Situação Antropológica Fundamental. (2012, p. 101)

A situação Antropológica Fundamental de Laplanche (2015, p. 106) se refere a esse momento único da vida do sujeito, relativo à infância, quando se estabelece uma relação entre o adulto e a criança, na qual o primeiro emite mensagens perpassadas por seu inconsciente à segunda, incapaz de decifrá-las. As mensagens dessa ordem são como enigmas, tanto para o adulto quanto para a criança. Essa configuração específica reproduzida na relação transferencial entre o analista e o paciente, marcando a dissimetria entre ambos, permitiria o ressurgimento do sexual infantil e o neo-surgimento, uma possibilidade de inscrição de novas marcas.

As regras do tratamento psicanalítico, que garantirão a constância necessária para que a análise adquira essa função, são apresentadas, portanto, por Freud, admitindo-se em certa medida uma maleabilidade, sob o caráter de orientações e, por este motivo, são descritas por Laplanche como portadoras de um “rigor flexível” (Laplanche, 1993, p. 132). Antes de descrever essas condições é importante trazer uma passagem da obra freudiana bem lembrada por Laplanche:

Penso estar sendo prudente, contudo, em chamar estas regras de ‘recomendações’ e não reivindicar qualquer aceitação incondicional para elas. A extraordinária diversidade das constelações psíquicas envolvidas, a plasticidade de todos os processos mentais e a riqueza dos fatores determinantes opõem-se a qualquer mecanização da técnica; e ocasionam que um curso de ação que, via de regra, é justificado possa, às vezes, mostrar-se ineficaz, enquanto outro que habitualmente é errôneo possa, de vez em quando, conduzir ao fim desejado. (Freud, 1913/2006, p. 139)

As condições que vão definir o espaço da análise se distribuem entre o campo sexual e o autoconservativo. Trata-se do *setting* (o formal da situação analítica), o tipo de discurso que circula, que é relativo à associação livre do paciente e interpretação do analista e as recusas e frustrações. O *setting* comporta alguns elementos como tempo e dinheiro, que para Laplanche são entrelaçados e compõem as paredes duplas da tina, dando o contorno à situação analítica. Apesar de se tratar de componentes do nível autoconservativo, são atravessados pelo pulsional. A parede externa para Laplanche traduziria o valor monetário da troca entre a oferta do tempo e o pagamento por este, o aspecto formal e contratual firmado. A parede interna, por sua vez, seria o valor libidinal investido pelo paciente no processo analítico.

O tratamento vai se instaurando a partir de um horário fixo pelo qual o paciente é responsável, comparecendo ou não. Assim, ele arca monetariamente e psiquicamente por esta hora que o analista fica a sua disposição. Freud justifica essa exigência por questões de sustento do analista e também constatou que os acasos que geralmente explicavam as ausências diminuía com essa condição. Ele já observava questões do pulsional incidindo sobre o autoconservativo da análise. Laplanche acrescenta que as discussões sobre os motivos concretos trazidos pelos pacientes que suscitam as ausências não são materiais analisáveis e que deve ser inserido o componente sexual nessas justificativas.

Em relação ao pagamento, Freud compara as questões sobre o dinheiro com a forma que as pessoas lidam com a sexualidade para colocar que o analista deve renunciar a esse funcionamento, abordando essa temática sem

constrangimentos com o paciente. Nessa interlocução entre pagamento e dinheiro, o criador da psicanálise se manifesta também em relação aos casos de interrupções prolongadas ou recorrentes. Exemplificou que em situações atípicas, como o caso de doenças, indicava uma interrupção do tratamento e retomada futura (Freud, 1913/2006, p. 143). Laplanche concorda com Freud e aborda ainda outro aspecto para a manutenção do *setting* nessas condições. Ele traz a função protetora desse espaço tanto para o analista quanto para o paciente. O primeiro garante assim sua subsistência e o segundo, o direito de expressar esse pulsional livremente (Laplanche, 1993, p. 143).

Erguidas a parede formal da tina, revela-se, então, o pulsional. O manejo das situações contratuais considerará esse aspecto, em especial. Retoma-se, aqui, o rigor flexível de Laplanche para discorrer sobre essa ideia. Ele acredita que poderia haver uma certa flexibilidade no acerto das questões do contrato, mas que, após firmado, deveria ser conservado com certo rigor. A essência da análise não poderia ser posta em risco durante o tratamento. Preservar as combinações conservaria a análise aos possíveis ataques do pulsional do paciente.

Os ataques à análise podem ser provenientes também do analista, dependendo da forma que conduz o manejo do *setting*. É preciso estar atento à equiparação do contrato ao status de lei imposta pelo analista, que ficará em uma função então policalesca. Deve haver um zelo pelo contrato enquanto vigente, porém, dando a possibilidade de revisões em situações específicas. Outra forma de ataque pode advir de uma situação extremamente oposta, de liberação por parte do analista, que põe então em risco a manutenção das paredes da tina. Laplanche explica que o uso do tempo e do dinheiro como ferramentas de interpretação ou como uma forma do analista transmitir mensagens ao analisando pode levar a uma aderência das duas paredes da tina, colocando em risco o tratamento.

Outro dispositivo que compõe a cena analítica é o divã. Freud em sua obra descreve suas justificativas conhecidas para o uso desse artifício: um resquício do método hipnótico, evitar o desconforto de passar horas sendo fitado pelos pacientes, não contaminar o discurso dos pacientes através das expressões faciais frente ao discurso e isolar a transferência. Laplanche trouxe três aspectos importantes para o uso do divã (Laplanche, 1993, p. 151). O primeiro seria a postura de estar deitado, que simbolizaria o dentro e fora da tina. O divã é o espaço do pulsional. Essa noção acenaria para o fato de que as questões do autoconservativo como tempo e dinheiro deveriam ser tratadas frente a frente. Entretanto, apesar de existir um momento para tratar do aspecto formal, considera-se que ele sempre estará atravessado pelo sexual, como vimos na metáfora do ponto de apoio entre as paredes da tina. Assim,

o pulsional envolvido nas combinações contratuais realizadas frente a frente ressurgiria no divã.

A segunda vertente de Laplanche sobre o divã é que ele possibilita a exclusão do analista do campo de visão do paciente, dando lugar e destaque apenas ao discurso, valorizando a regra fundamental. Embora o analista não seja visto, ele não deixará de ver o seu analisando, como explica Freud. Por fim, o último aspecto do divã refere-se à posição deitada do analisando frente ao analista que marcaria a assimetria existente na situação analítica. Essa assimetria nos remeteria às recusas do analista frente às demandas do paciente.

Vamos abordar então as recusas, o terceiro componente da situação analítica, para Laplanche, que nos reporta às frustrações. As recusas já se revelam na postura do analista em não permanecer apenas no plano do autoconservativo trazido pelo paciente, a se propor a ir além, a encontrar o sexual que surge nas entrelinhas. Esse mergulho em direção ao sexual da tina se complementa com a recusa do analista ao saber sobre o analisando. O analista, na relação dissimétrica com o paciente, enquanto “suposto saber”, precisa recusar-se como detentor real de todo conhecimento sobre o paciente, para assim abrir a possibilidade de que o processo infantil se instaure na análise, possibilitando a tradução e a resignificação.

As recusas têm ainda relação com a noção de neutralidade. Ele coloca que a neutralidade “consiste nas recusas opostas ao analisando, mas mediatizadas por aquilo que o próprio analista se recusa a fazer, ou mesmo se recusa a dar, sabendo que a dádiva, se for inoportuna, pode tornar-se presente envenenado” (Laplanche, 1993, p. 157). A “neutralidade benevolente” (Laplanche, 1993, p. 168), para além disso, é compreendida pelo autor como essa postura do analista de se isentar de fornecer respostas, sugestões ao analisando e, ao mesmo tempo, permanecer disponível para acolher o discurso deste, tornando possível que apareça o inconsciente a partir da associação livre.

A associação livre, a chamada regra fundamental do analisando, esta sim teria o status mais próximo de lei, “mandamento” na situação analítica, como coloca Laplanche (1993, p. 154). Relembra que Freud enumera os aspectos que se impõem e que guiam o discurso e que precisam ser dissipados para que o paciente possa associar. Estamos falando da lógica, da fala voltada a um objetivo, dos constrangimentos, da moral, entre outros. Pensando-se nas representações-meta, em torno das quais o discurso vai gravitar, ele coloca que é preciso que se vá abandonando aquelas que são conscientes e que, conforme isso ocorre, a cadeia associativa vai sendo atraída na direção das representações-meta inconscientes, a partir das quais vai se guiar.

Laplanche fala da livre associação também em termos econômicos, pensando que, para que ela seja possível, o processo secundário vai tendo que dar espaço para que o processo primário se pronuncie. Acredita que de maneira alguma se instalará um discurso total do inconsciente. Segundo ele,

o próprio inconsciente comporta níveis de organização e desorganização, correspondendo a polaridade das pulsões de vida e de morte, e que um discurso completamente desorganizado seria exatamente o da pulsão de morte, ou pelo menos imitaria o processo da pulsão de morte. (Laplanche, 1993, p. 157)

Apesar de ser uma regra primordial, espera-se de antemão que ela vá ser quebrada em muitos momentos pelo paciente, pois está sujeito ao recalque, às resistências, ao sistema defensivo. O inconsciente vai se revelando ao analista pelos lapsos, atos falhos, entre outros. A regra não se instalará de pronto, precisa ser aprendida, diz Laplanche, conforme o paciente vai desaprendendo o discurso da lógica formal. Precisarás ser rememorada durante as sessões.

Aquilo que é esperado do analista, frente a essa disposição do paciente, é uma “atenção igualmente flutuante” (Laplanche, 1993, p. 166). Freud define essa atenção específica do analista ao discurso do paciente como um “deixar-se levar pelas associações inconscientes”. Mas Laplanche chama atenção para um ponto importante. Ele lembra que o analista não pode simplesmente deixar-se levar pelo seu inconsciente livremente, tal como o paciente, dando voz às próprias fantasias. Além disso, questiona a regra do nada privilegiar, pois o discurso do analisando, tomado pelo recalque, virá privilegiando algumas questões para se desviar de outras, correndo o risco de pairar justamente sobre autoconservativo. Ele argumenta:

Se levarmos em conta as condições econômicas da atenção, uma atenção igualmente flutuante supõe um investimento igual dos conteúdos; mas para que essa igualdade seja respeitada, no discurso comum do analista e do analisando, é preciso que por momentos a atenção do analista compense os recalques do analisando: enfim, a atenção igualmente flutuante com o objetivo de colocar tudo no mesmo plano, pode funcionar como um contrapeso, restabelecendo num jogo em comum das duas regras, aquilo, que pelo analisando, é negligenciado em proveito do discurso ainda lastreado por interesses cotidianos ou preconceitos lógicos. (Laplanche, 1993, p. 167)

Para dar conta dessa equiparação dos conteúdos, Laplanche menciona o uso do assinalamento por parte do analista que, diferente da interpretação, apenas destaca um conteúdo que possa ter sido negligenciado pelo analisando.

Após toda essa caracterização da situação analítica pautada em Freud e, em especial, em Laplanche, podemos engatar nesse conceito de imaterialidade da tina um trecho do artigo de Diana Tabacof sobre o atendimento psicanalítico a distância, que nos ajudará a pensar na discussão proposta a seguir:

La interiorización del encuadre analítico es la condición sine qua non para lograr de manera sobria ser un “analista sin diván”, o aún más allá, para garantizar el encuentro con el paciente convirtiéndose en una figura inmaterial. El encuadre interno del analista es aquello por lo que un paciente construye también en su interior un marco para su propio psiquismo. Cualesquiera sean las circunstancias. (2020, p. 25)

Para a autora, portanto, todo esse enquadre descrito precisa estar internalizado pelo analista primeiramente, para que ele possa se permitir instaurar a situação analítica em outras configurações, ofertando essa possibilidade ao paciente.

Fábio Belo trata da questão das modificações do *setting* analítico no atendimento on-line ao referir que “o estabelecimento de um *setting virtual* vai exigir dos psicanalistas um enfrentamento dessa idealização da prática, uma depuração dos elementos técnicos e éticos que sustentam a escuta e que permitem instalar um espaço clínico não presencial” (2020, p. 74). O autor aborda que, para se pensar em possibilidades de instalação do tratamento psicanalítico em um espaço virtual, é necessário de abster dos ideais, na busca por se conciliar esse cenário diferente do consultório com as indicações técnicas.

Em relação às dificuldades enfrentadas pelos psicanalistas no tratamento on-line, Jacques André traz uma referência em relação aos problemas na captura do discurso inconsciente em seu artigo *A psicanálise em tempos de coronavírus*. Ele refere que “a sessão por telefone reduz ao sentido literal aquilo que, em outras circunstâncias, se beneficia da ambiguidade de fala e constitui o tempero do inconsciente e de sua análise” (2020, p. 252). Dessa forma, o autor demonstra que a captura dos aspectos simbólicos do discurso pode ficar prejudicada. Jacques André chama a atenção para a possibilidade de que algumas análises possam se descaracterizar, aproximando-se mais de uma psicoterapia, pela reciprocidade de resposta incitada pelo tratamento telefônico.

Outra questão central para a psicanálise, a transferência, é discutida pela psicanalista Luciana Pavão Kroeff em seu artigo *Psicanálise à distância em tempos de pandemia: um relato sobre a live da Constructo da Terça Psicanalítica*. Ela menciona que pacientes que já vinham com tratamento presencial mantiveram o processo transferencial já estabelecido e propõe que, possivelmente, pacientes que iniciem seu atendimento de forma on-line não alcançarão uma relação transferencial da mesma forma (2020, p. 260).

Ela trata ainda do comprometimento do tratamento devido à privação da presença do analista na cena analítica no contexto virtual:

Qualidades de silêncios, qualidades de angústias e estranhamentos ficam diluídos e empobrecem a possibilidade de entendimentos. No encontro, o cheiro, o toque, os ruídos corporais e externos, os objetos do analista e o olhar podem se transformar em indícios importantes para a possibilidade de recarregar marcas mnêmicas. Quantos sonhos transferenciais são produzidos a partir daquilo que foi vivido no *setting*? Em vista disso, o trabalho com pacientes de fronteira, onde a palavra simbólica é mais escassa, tende a ficar restringido e empobrecido? (Kroeff, 2020, pp. 260-261).

Dessa forma, a autora identifica elementos que são perdidos no atendimento on-line, diferenciando-os dos tratamentos que ocorrem de forma presencial. Para além disso, traz um questionamento em relação ao impacto do tratamento on-line, à falta da presença para pacientes com maiores falhas constitucionais, que podem ser mais afetados com as mudanças no setting, conforme será discutido a seguir.

A situação analítica e a situação atual

A situação analítica se depara com a situação atual: o estado de pandemia, de calamidade pública e de caos interno. Como seguir com o trabalho analítico dos pacientes? Como ajudar novas pessoas que buscam análise, portando um sofrimento, frente a esse real? Como sustentar a própria análise? Não será possível atender a todos esses questionamentos e talvez não há hoje uma resposta definitiva para qualquer um deles, sem um longo processo de elaboração. Por esse motivo, a proposta é pensar o que é possível hoje, a partir daquilo que já é conhecido. Para tanto, serão apresentadas vinhetas provenientes da experiência clínica.

Diante do anúncio da impossibilidade do encontro presencial, a alternativa foi o atendimento virtual. Essa possibilidade já vem sendo pensada pelo mundo afora e alguns analistas falam sobre suas experiências de atendimento por essa ferramenta em situações nas quais, por algum motivo, a análise no consultório não era uma alternativa viável. O que acontece com a psicanálise longe dos consultórios, nesse espaço virtual que vem sendo proposto?

A partir da discussão laplanchiana sobre a psicanálise exportada, pode-se iniciar traçando um paralelo com essa intenção de uma análise fora da análise. Depara-se agora com um novo contexto no qual a psicanálise está circulando, que é diferente do consultório. O mundo on-line transporta a psicanálise para

um outro lugar. Mas não apenas a psicanálise, mas a própria análise e, assim, não seria o caso simplesmente de se atribuir o atendimento psicanalítico virtual ao status de psicanálise exportada ou aplicada.

O atendimento virtual tornou-se a única possibilidade viável de tratamento nesse contexto de pandemia. Houve uma transposição das análises que já vinham ocorrendo em um *setting* estruturado para o mundo on-line, sendo este o consultório (adaptado) do momento atual. Saiu-se das quatro paredes concretas para um espaço que não é palpável, mas que é simbólico e nos remete ao anterior. Aproveitando as ideias de Laplanche, pode-se arriscar dizer, em um primeiro momento, que nesse caso parece que o tratamento em si é que foi transposto ou exportado para um outro espaço, que não é concreto, mas que conserva os objetivos terapêuticos, de trabalho do sofrimento psíquico. Mas esse é só um aspecto, havendo inúmeros outros para serem pensados a partir da perspectiva laplanchiana da situação analítica.

Em primeiro lugar, fala-se hoje de preservação da vida, e Freud já nos disse muitas coisas sobre isso, sendo uma delas sobre a libido do eu, da autoconservação da vida, que parece que é o que se está em jogo agora. Isso pode nos remeter também ao autoconservativo necessário para a preservação da análise, como diria Laplanche, e que agora está sendo colocado à prova. A realidade se impõe, neste momento, e exige que seja repensado o formato clássico da situação analítica.

Existe algo do autoconservativo imposto de fora, que não se passa apenas com o paciente e que incide sobre ele, assim como sobre o analista. O analista precisou se haver com suas questões relativas à preservação da sua saúde, à subsistência material, enquanto buscava uma maneira viável de seguir com o trabalho analítico. O tripé nunca se fez tão necessário para que se pudesse sustentar a clínica e pensar em alternativas. Assim, é preciso que o analista se sinta capaz de proporcionar esse campo analítico, que em primeiro lugar precisa estar internalizado dentro dele, como alertou Diana Tabacof.

Talvez por se tratar de um contexto inusitado para ambos os sujeitos da dupla analítica, essa pauta precisou se passar no concreto, num primeiro momento. As combinações sobre a transposição do tratamento para o mundo on-line exigiram uma nova contratação com o paciente. O analista precisou propor essa modalidade e suas condições, que devem incluir a combinação sobre a plataforma a ser utilizada para o atendimento e a nova realidade das sessões: na sua casa e na casa do paciente. Nunca o rigor flexível de Laplanche fez tanto sentido se pensarmos na necessidade de maleabilidade das paredes dessa tina, para que ela possa seguir com sua função. Ela precisa continuar contendo esse

sexual interno, que seguirá em fusão e suportará a pressão externa do contexto de pandemia. Se estiver enrijecida e não for passível de alguma flexibilidade, pode ser rompida.

Em primeiro lugar uma reflexão: ao pensar na instauração da cuba analítica, tal como descreve Laplanche, é possível perceber que ela é algo que transcende o espaço físico. Podemos ter inúmeros consultórios de atendimento psicológico nos quais ela não se instaure e, por esse motivo, ter um local concreto não é garantidor de nada. O espaço precisa ser suportado em primeiro lugar pelo analista, para então se instaurar psiquicamente para a dupla, através das combinações e das recombinações que vão erguer a parede mais externa da cuba que conterá o pulsional do paciente. Isso, entretanto, não significa que ignoremos os outros aspectos que só são possíveis em um atendimento presencial e que serão considerados no decorrer deste trabalho.

A proposta de atendimento on-line foi ofertada no início a todos os pacientes, por ser a única possibilidade. A maior parte deles aceitou a nova condição, cada um com suas questões próprias. Clara, em análise há pouco mais de um ano, finalizava um curso e estava por vias de arrumar um emprego. Com a suspensão de todas as atividades, ficou sem recursos e precisou retornar à casa da mãe no interior. Foi discutida novamente a continuidade do tratamento por meio virtual e combinou-se de realizar tentativas e avaliar. Alguns ajustes quanto a horários e pagamento precisaram ser feitos para que pudesse contemplar o sigilo e manter a frequência. Por fim, o tratamento seguiu se sustentando e as barreiras da ausência física do analista, num primeiro momento, ficou em segundo plano frente à possibilidade de manutenção do espaço de ajuda, da constância e da preservação do vínculo, diante de tantas mudanças e perdas.

Em outro caso, entretanto, interrupções na clínica se passaram já no momento da oferta do tratamento on-line. Priscila, paciente em análise há dois anos, encontrava-se em um momento delicado do tratamento, no qual manifestava seu desejo constante de se mudar de cidade frente a decepções amorosas e profissionais que estava vivenciando. Esta costumava ser uma prática sua quando alguma frustração se apresentava e a paciente sentia que a mudança deveria ocorrer fora e não dentro de si mesma. Nessa fase do tratamento, iniciava-se a pandemia, Priscila tem suas aulas suspensas e precisa retornar para a casa dos pais no interior do estado. Recusa a continuidade do tratamento pelo meio virtual com a justificativa de que não se sentiria confortável de falar de suas questões em um ambiente no qual os pais, tema de muitas sessões, estivessem presentes.

Priscila carregava consigo um sentimento de rejeição e abandono em relação à mãe, que considerava ter sido muito exigente e hostil para com ela. Tinha dificuldade de fazer amizades com mulheres e de confiar nas relações. Tais questões vinham aparecendo transferencialmente com sua analista. Percebeu-se que a mudança no *setting* de forma tão iminente naquele momento da análise, que era o que vinha dando alguma contenção às questões dessa sexualidade infantil que estavam sendo trabalhadas, impactou de forma que se deu o rompimento.

Ao refletir sobre essa transição do consultório para o atendimento on-line, percebeu-se que combinações sobre o *setting*, o tempo e o dinheiro precisavam ocorrer já no início, além de outras. O tempo das sessões e a frequência foram condições que puderam ser preservadas. Os horários em algumas situações tiveram que ser revistos, uma vez que, a partir de então, os pacientes passaram a ser atendidos de casa, em um período que possivelmente outras pessoas estavam confinadas com eles. Era importante que essas combinações buscassem achar uma situação viável de preservação do sigilo, que é primordial até para que fossem tratados todos os outros aspectos dessa situação analítica.

Em relação ao sigilo, pode-se pensar que se trata, por um lado, de algo do real que, sim, é garantido pelo espaço do consultório. No atendimento on-line, além das preocupações existentes quanto à exposição da sessão pelos dispositivos tecnológicos, existe o fato de que tanto o analista precisa propiciar esse espaço de escuta protegido e longe de interferências externas, quanto o paciente necessita buscá-lo no local no qual se encontra. A partir do momento em que o analista pode abordar essa preocupação, estratégias começam a ser pensadas no concreto, e por outro lado as fantasias sobre esse assunto (que diz respeito à parede mais interna da tina) podem, então, vir a ser trabalhadas, buscando-se minimizar tais efeitos.

Aline foi uma das pacientes que sentiu muita dificuldade de poder encontrar um espaço privado, que garantisse o sigilo, para fazer sua análise em casa. Reside com os seus pais e o filho. Iniciou os atendimentos on-line de dentro do seu carro, estacionado na garagem, na tentativa de preservar o sigilo. Por vezes, percebia que alguém passava por perto, e reclamava da impossibilidade de obter um espaço para si dentro de casa. Fez algumas tentativas de realizar as sessões do seu quarto e foi interrompida pelos familiares que entravam independentemente de seu pedido por privacidade. Esse fato foi trazendo à tona um jeito invasivo através do qual se estabeleciam as relações em casa, que até então não ficava tão claro. Conforme Aline foi buscando construir e bancar o seu espaço de análise, pôde transpor isso e conseguiu, finalmente, organizar-se para ter uma casa somente para ela e o filho.

Surpreendentemente, observou-se, nesse caso, que foi possível resistir e superar a desorganização de alguns elementos da situação analítica, que foi exposta, assim como Aline, às invasões no núcleo familiar. A possibilidade de sustentação do enquadre interno, tal como coloca Diana Tabacof, parece ter ajudado na manutenção do processo analítico, que foi sendo resgatado, gerando efeitos na construção de outros espaços na vida dessa paciente. Foi necessária também a desidealização do *setting*, devido a todas as dificuldades apresentadas, como colocou Fábio Belo.

Junto ao tempo está atrelada a questão do pagamento, que deixou de ocorrer presencialmente, mas que mesmo assim não escapou às questões libidinais, de caráter anal, envolvidas, exigindo trabalho. O contexto também ocasiona outras questões dependendo da forma como cada sujeito é atingido pela pandemia, podendo ser afetado na sua capacidade de subsistência, no real, mas também ser atacado internamente, pelas sensações que lhe suscitam. Como coloca Laplanche, os arranjos contratuais são passíveis de acontecer, mas devem seguir com sua função de garantir a instauração do tratamento para que ele não fique vulnerável diante de ataques do pulsional. Nesse sentido, as recombinações de alguns aspectos podem adquirir um efeito protetivo e não destrutivo.

Sobre essa questão, a análise de Clara demonstrou algumas alterações no contrato, quanto ao pagamento, para manutenção da frequência. Sua mãe sofreu uma redução salarial e Clara sugeriu reduzir também uma sessão semanal, justamente quando já estava mais fragilizada e perdendo tantos espaços importantes para ela. Ao adentrar mais nessa questão, percebeu-se que ancorados aos aspectos autoconservativos visíveis, existiam outros de ordem sexual. Clara estava se sentindo culpada por voltar a depender da mãe pelo jeito que elas sempre tiveram de se relacionar. Assim, sem que a mãe tivesse pedido, adiantou-se na solicitação de subtrair um horário da sua análise.

Transferencialmente, notou-se que Clara, ao retirar um horário, estava atualizando na sua análise a falta de investimento e a sensação de desamparo muitas vezes sentida em sua relação com a mãe. A partir disso, foi possível trabalhar a importância de poder garantir o seu espaço de tratamento, diante de tantas perdas. A frequência foi mantida, a paciente passou a pagar apenas uma das sessões semanais e foi combinado em conjunto uma forma de realizar os pagamentos faltantes, conforme a situação financeira fosse se restabelecendo.

Ao pensar nesse espaço simbólico a ser instalado dentro do cenário virtual, pode-se imaginar que, seguindo a lógica do consultório, poderia se fazer necessário manter a constância do espaço físico no qual se encontra o analista no momento da sessão e, se possível, também o local do paciente.

Entretanto, considerando que não se trata de uma situação idealizada por suas particularidades, a alternância de espaço físico ocorreu para ambos da dupla analítica, exigindo um analista atento a esses efeitos.

Na prática clínica, foi observado que a mudança do local do paciente no atendimento on-line não trouxe tanto impacto quando o objetivo foi a garantia da preservação do sigilo. Percebeu-se que alguns pacientes que mudaram o local para garantir a privacidade acabaram aproveitando melhor a sessão do que aqueles que permaneceram sempre no mesmo cenário, por vezes com receio pela possibilidade de que pudessem ser escutados. Matheus é um paciente com mais recursos psíquicos, e, para garantir o sigilo, faz algumas sessões do carro, outras do escritório e, por vezes, de casa. Aumentou a frequência, mesmo nesse período on-line, mostrando a possibilidade de manutenção desse sexual em fusão apesar das questões não idealizadas do autoconservativo. Pensando nesse cenário diferenciado, a preservação do sigilo pareceu se sobrepor à manutenção a qualquer custo do mesmo espaço físico.

Para além desses elementos, trata-se, aqui, outros componentes da situação analítica como o divã e as renúncias. O primeiro, como se sabe, é um dos grandes instrumentos utilizados no tratamento analítico clássico, que na compreensão laplanchiana é destinado aos neuróticos. Esse anunciado já levanta questões diagnósticas que são importantes de serem consideradas também na formatação do *setting* no tratamento on-line. Será que os pacientes não-neuróticos, que não eram atendidos no divã, sentiriam menos os efeitos pela possibilidade do atendimento frente a frente com a câmera? Ou pelo contrário: será que esses pacientes, com mais falhas constitucionais, se fragilizariam mais com essas mudanças e a falta da presença do analista? Embora existam algumas hipóteses, como será possível perceber no decorrer deste trabalho, são questões para serem pensadas a partir de um tempo maior de experiência nessa modalidade. O que pode ser notado com a prática clínica, até o momento, é que os efeitos dessa mudança têm sido específicos em cada paciente, de acordo com sua história, com o momento no qual se encontravam no tratamento analítico, com as questões transferenciais, com a forma que foram mobilizados pelo impacto desse real, dentre outros. A viabilidade da continuidade da análise requer que se atente a questões diagnósticas, mas toma-se de pronto que depende em grande medida da instalação da situação analítica para a dupla, que está atravessada por um contexto externo e real semelhante, mas que precisa sustentar cada um seu lugar particular, dissimétrico, no tratamento.

De qualquer forma, a alternativa foi sendo utilizada pelos analistas. Em relação aos pacientes que estão no divã, alguns profissionais tentaram reproduzir

aquele cenário de alguma forma. Ligaram a câmera no início da sessão, como se fosse o encontro com o paciente ao abrir a porta, desligaram no momento que representaria o paciente deitado no divã, e religaram para encerrar a sessão. Alguns pacientes se propõem a deitar enquanto falam, podendo a câmera ficar ligada para o analista que o enxerga falando sobre suas questões, como uma tentativa mais próxima de reproduzir o cenário do consultório anterior. Enfim, podem ser estratégias a serem avaliadas com cada paciente, pois o deitar depende também de todas as condições que existem no local no qual ele se encontrará no momento da realização da sessão. Alguns realizam a sessão de suas casas, de algum cômodo específico, outros no espaço de trabalho e até mesmo de dentro do carro, como foi colocado.

O que se pode pensar sobre essas alternativas é que elas são uma tentativa de preservação de duas questões relativas ao divã na visão laplanchiana. A primeira parece tratar de uma tentativa de conservação do dentro e fora da análise, representado pela posição deitado-em-pé do divã, marcado pelo ligar e desligar da câmera. Ao se fazer essa correlação, pode se considerar que talvez as questões do autoconservativo, as combinações formais do *setting*, possam seguir se passando no frente a frente. A segunda questão, o desligar da câmera parece ser uma tentativa de seguir excluindo a visão do paciente em relação ao analista, permitindo que ele mergulhe mais em suas questões inconscientes, dando vazão a esse sexual. Assim, de alguma forma, procura-se seguir privilegiando o discurso e a associação livre.

O terceiro ponto sobre o divã, colocado por Laplanche, a dissimetria, poderia ser representado pelo fato de a câmera permanecer ligada apenas para o analista ou pela posição deitada do paciente, caso ele conseguisse preservar essa condição. Ainda assim, existem vários outros indicativos durante o processo que podem também remeter a essa dissimetria, como, por exemplo, as próprias combinações do *setting* e a postura do analista frente a isso.

Quanto às recusas, podemos pensar que, em alguma medida, elas seguiram se passando, exigindo uma atenção maior. A neutralidade benevolente do analista, caracterizada pelo fato de que este continuou ofertando a escuta, como um acolhimento daquilo que era incomunicável até então, se isentando da influência diretiva, foi passível de ser preservada. Ainda no campo das renúncias, pode-se discutir a constância do espaço no qual o analista se encontra durante os atendimentos, bem como a não interferência do externo, que eram aspectos garantidos no consultório e que complementavam um pouco essa noção de neutralidade. Talvez o cuidado para não fornecer mais informações ao paciente sobre esse espaço privado do analista, quando este atende on-line de sua casa, pode ser algo a ser considerado.

Na prática, foi possível estabelecer em casa um local neutro, que garantisse o sigilo, condição primordial para o analista propor o tratamento. Mas em alguns momentos o cenário se alternou com o do consultório. Nesse caso, de alguma forma a análise precisa tratar das fantasias que possam surgir, relativas a essa mudança, por toda especificidade do contexto, longe de ser o ideal. Gustavo, em análise há pelo menos dois anos, levanta esse assunto durante as sessões, ao falar de um vídeo de humor que assistira que mostrava um psicólogo em atendimento on-line, que tinha muita dificuldade de prestar atenção no seu paciente e que se distraía com situações de seu ambiente doméstico, sem garantir o sigilo da sessão. Foi questionado se Gustavo já imaginou que algo semelhante pudesse acontecer com sua analista durante as sessões on-line e ele consegue verbalizar sobre suas fantasias de não ter o sigilo preservado ou de que não fosse estar atenta às suas questões da mesma forma que no consultório. Possivelmente essas fossem fantasias que já permeavam esse paciente anteriormente, em relação ao interesse e capacidade de escutá-lo e sua ambivalência em confiar na sua analista. Trata-se de um paciente com mais falhas constitucionais e muita dificuldade em estabelecer relações, de forma que todo seu investimento era voltado para a sua profissão.

A manutenção da recusa do analista em fornecer respostas ao paciente, bem como em não assumir o papel de quem detém todo saber sobre ele é um fator possível e essencial nesse contexto, para que se produza o enigmático a ser desvendado pela dupla, nessa situação analítica agora tão peculiar, conhecida e desconhecida ao mesmo tempo para ambos. Trata-se de garantir a dissimetria, para manter aberta a possibilidade do aparecimento do processo infantil e do traumático dentro das paredes da tina, buscando a reprodução de algo como a situação antropológica fundamental.

A questão da assimetria no atendimento on-line e uma situação de ameaça a ela pode ser demonstrada em um recorte das sessões de Matheus, um paciente com um funcionamento mais neurótico. Diante da prescrição de sua analista quanto ao terceiro horário semanal, trouxe seu receio de “dependar da análise”. Ele já vinha manifestando esse sentimento no atendimento presencial. Matheus é casado e sentia uma necessidade iminente de conquistar outras mulheres, com as quais tinha alguns encontros que o nutriam afetivamente, mas sem qualquer implicação. Com a indicação da terceira sessão semanal, referiu que respeitava o espaço do tratamento, que funciona de acordo com as “regras de sua analista” e temia que se a frequência aumentasse poderia se atrapalhar no seu espaço de análise, atuando como costumava fazer quando sentia necessidade de conquistar as mulheres.

E a associação livre e a atenção igualmente flutuante? Estas parecem estar sujeitas a várias questões no mundo on-line, algumas de ordem prática, a começar pelo sinal da internet. A associação livre segue sendo a regra fundamental, que o paciente de alguma forma já conhece, mas que estará suscetível a atravessamentos também agora por interferências tecnológicas. Isso pode impactar diretamente na atenção igualmente flutuante do analista que precisa lidar com esse distrator, mais uma interferência na captura desse inconsciente, que já conta com todas as questões já citadas do processo lógico, de resistência e o recalque. Há a possibilidade de se perder um ato falho, um lapso ou pode ser mais difícil reconhecer o que realmente seja um silêncio ou uma interrupção da chamada. Enfim, entra um fator externo concreto nessa cena, que talvez exija mais esforço da dupla para se preservar a fluidez da associação livre e a percepção dos aspectos do inconsciente no discurso.

Na prática clínica, de uma maneira geral, a fluidez desse discurso pareceu ocorrer como no atendimento presencial, quando os pacientes tiveram a garantia do sigilo no local onde se encontram, e apresentam as condições tecnológicas necessárias para manutenção da sessão virtual, estando sujeitos aos mesmos processos inconscientes já conhecidos. Entretanto, como foi possível observar nas vinhetas supracitadas, quando os pacientes tinham um receio de serem ouvidos por pessoas que estavam na casa na hora dos atendimentos ou ocorriam interrupções reais no espaço no qual estavam fazendo a sessão, o processo associativo era prejudicado. Como diria Laplanche, as paredes da cuba, o autoconservativo nesses casos, estavam sujeitos a elementos que nem o paciente e nem o analista tinham controle. Isso ocorreu também com frequência nos casos de inconstância do sinal da internet. Falhas podem ocorrer com alguma frequência, prejudicando a percepção das sutilezas do inconsciente que se manifestam no discurso, como coloca Jacques André.

Um outro ponto importante a se tratar é que, nas análises em curso que foram transpostas para o virtual, existiam questões transferenciais que se encontravam em curso. Como tratamos anteriormente, alguns autores trazidos por Laplanche cogitam a questão da transferência se passar nos mais diversos contextos, mas concluem que a análise por suas características seja produtora da transferência. Sem entrar em maiores detalhes sobre os tipos de transferência colocados por Laplanche, pode-se voltar a atenção para a questão acima. O on-line é hoje um espaço mundano sujeito a essa transferência corriqueira, e o atendimento por essa ferramenta promove um recorte desse contexto, uma cisão, a partir de todos os pontos abordados sobre a situação analítica, erguendo as paredes da

tina para a produção da transferência que será escutada por um analista, por meio do pulsional que ela contém.

Pode-se levar muito tempo discutindo se o tratamento on-line corresponde a uma análise propriamente dita ou não, e isso não é o proposto aqui. O que se sabe até agora é que esse espaço possibilita a manutenção de aspectos da tina, a adaptação de outros e que existem questões intransponíveis. A presença física do analista, por exemplo, e tudo o que ela suscita do sexual é algo indiscutível e os efeitos da falta vão aparecer. Esses efeitos podem significar interferências também na produção desse sexual, na transferência. Efeitos que podem ser de toda ordem, como se vê mais especificamente a seguir.

Ainda sobre o caso de Gustavo, para tratar dessa questão, acrescenta-se que esse paciente apresentava muita dificuldade de se expressar e associar livremente desde o tratamento presencial. Por vezes, eram longos períodos de silêncio, durante os quais era muito difícil acessá-lo. Desde que o atendimento passou a ser on-line, ele progressivamente foi podendo expor mais suas questões, trazendo inclusive sonhos para a sessão. Foi percebendo que o tempo era insuficiente para tratar de tudo e aceitou a terceira sessão de análise semanal. O aumento da frequência, ou seja, do contato e de tudo que ele evoca, que antes havia sido aliviado pelo virtual, deixa Gustavo sem palavras novamente. Foram sendo trabalhadas as fantasias sobre o aumento das sessões e nada parecia conectá-lo novamente ao tratamento, seguia sem poder falar.

Em determinada sessão, sua analista sugere um atendimento presencial e o paciente concorda. Diante da presença, ele se emocionou e disse que não havia percebido o quanto havia sentido “saúde”. O reencontro e as características do consultório trouxeram lembranças sobre outros momentos solitários de sua história. Foi possível perceber na transferência que a distância do outro aliviava, inicialmente, acalmava a angústia gerada pelo contato, mas que depois tomava um sentido de desinvestimento e abandono, de forma que o paciente se retirava para se proteger. A presença teve efeitos narcisantes, retirando Gustavo do seu encapsulamento, que o protegia do sofrimento pelo desinvestimento do outro.

Desta forma, a falta da presença física, do corpo do analista, pode ter diversos efeitos sobre a transferência e o tratamento em si. Nesse caso, que se trata de um paciente com mais falhas constitucionais, em um primeiro momento aliviou esse pulsional, porém, posteriormente tornou-se um entrave e enlaçou-se com outras questões do paciente com aspectos abandonantes. Percebe-se aqui também a importância da presença no consultório quando elementos do *setting* desencadeiam o processo associativo, como supunha a psicanalista Luciana Kroeff.

Em outros casos, foi possível perceber ainda que a ausência do corpo do analista, que propicia uma arrefecida no pulsional, foi o que possibilitou que os pacientes abordassem certas questões de ordem transferenciais. Matheus foi podendo expor seu desejo de conhecer a sua analista enquanto pessoa, fora do espaço de análise e do seu temor de se vincular e não poder contar com seu espaço de ajuda. Questões transferenciais eróticas puderam vir à tona, o que propiciou a transcendência para o amoroso, à medida que o paciente foi trazendo que a relação experimentada na análise, na qual podia ser escutado sem se preocupar com os julgamentos, era o que havia buscado por toda sua vida. Através da transferência que seguiu em curso no tratamento on-line, e se intensificou, foi possível presenciar um processo de neo-surgimento, conforme tratado por Laplanche.

A questão da presença pode ser pensada também por outro viés, o da constância. A presença no atendimento on-line deixa de ser física por um impedimento real, mas pode ser garantidora se o analista busca alternativas de preservar o espaço da análise, de cuidado, conectando-se literalmente e metaforicamente com seu paciente nesse período de intensa vulnerabilidade. A oferta do tratamento on-line, nesse momento, pode ser compreendida também como a tentativa de se manter presente até mesmo na ausência (física) provocada pelo isolamento social imposto. Quem sabe propiciar essa constância da ligação possa servir de sustentação para a continuidade da análise de muitos pacientes durante e após esse período, conservando, em alguma medida, esse pulsional em estado de fusão.

Considerações finais

Vê-se que o inusitado da situação atual, do contexto de pandemia, sem registro anterior na história do analista e do paciente, também exige um momento de inscrição, tradução e elaboração interna para ambos, da mesma forma que para as possibilidades de continuidade no tratamento analítico. Existem perguntas para as quais ainda não se tem respostas conclusivas, mas que estão em trabalho dentro dos analistas que buscam uma forma de seguir ofertando a escuta analítica aos seus pacientes, superando os obstáculos do momento.

Com vistas ao fato de que este estudo se voltou, primordialmente, para as análises presenciais em andamento, transpostas para o cenário virtual, nota-se que é possível em alguma medida reproduzir aspectos da tina, em especial aqueles mais formais, como o tempo e o dinheiro. Manejos são necessários,

novas contratações, recombinações, tal como já se está fadado a fazer nos atendimentos presenciais. A internalização das orientações de Freud e o rigor flexível de Laplanche nos dão subsídios para poder pensar a técnica nesse outro contexto. Os limites dessa maleabilidade dos aspectos do autoconservativo parece ser aquilo que possibilitará a continuidade da situação analítica, enquanto espaço de expressão do pulsional e de novas inscrições.

O analista seguirá portando dentro de si suas ferramentas de trabalho, como a atenção igualmente flutuante, o assinalamento, a capacidade interpretativa durante o atendimento on-line, através do qual lidará com o discurso do paciente, em associação livre, atravessado pelo inconsciente, o pulsional, mas suscetível pelas novas interferências da tecnologia e do espaço físico no qual o analisando se encontra que podem atrapalhar o processo.

A falta do divã, um dispositivo clássico do tratamento psicanalítico para os pacientes neuróticos, embora se tente simulá-lo para obter seus efeitos, será sempre um elemento faltante na cena. A transferência segue se passando no meio on-line, mas percebe-se que de forma diferente em cada caso. Em algumas situações, a falta de presença do analista parece prejudicar o transcorrer da análise, enquanto em outros a transferência segue se desenvolvendo, possibilitando que ocorra, ainda que à distância, um processo de neo-surgimento.

Sobre essa questão, foi possível constatar através dos casos expostos, dentre outros, que as análises dos pacientes com mais falhas constitucionais, como Gustavo e Clara, foram mais impactadas pela falta da presença do analista e do *setting* formal, como questionava a psicanalista Luciana Kroeff. Os pacientes com funcionamento mais neurótico, tal como Matheus e Aline, seguiram com o processo transferencial em curso, que foi se intensificando e produzindo efeitos de transformação na vida desses pacientes, mesmo com as alterações no *setting*.

Por fim, independentemente das modificações, percebe-se que a sustentação da situação analítica dentro do analista, para se oferecer enquanto presença na ausência, preservando a constância dos tratamentos em andamento, parece ser primordial para a instauração do tratamento on-line neste contexto de pandemia e para se pensar sobre essa alternativa em outras situações nas quais uma análise presencial não será possível.

Pandemic time analysis

Abstract: This article presents reflections on the adaptations that are occurring in psychoanalytic treatment, based on the restrictions imposed on face-to-face care by the pandemic scenario of covid-19. It seeks to discuss the rapid transition from the analysis of the consulting rooms to the virtual and online scenario, identifying the possibilities of maintaining and adapting the elements that make up the analytical situation. In order to give theoretical support to this analysis, Freud was used and deepened in Laplanche's ideas, especially in his concepts about the psychoanalytic vat or tub. Current authors have provided subsidies for thinking about online care through psychoanalysis.

Keywords: Analytical situation. Covid-19. Freud. Online analysis. Laplanche.

Referências

André, J. (2020). A psicanálise em tempos de coronavírus. *Constructo – Revista de Psicanálise*, 5, 256-263.

Belo, F. (2020). *Clínica Psicanalítica on-line: Breves apontamentos sobre atendimento virtual*. São Paulo: Zagodoni.

Freud, S. (2006). Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)

Kroeff, L. P. (2020). Psicanálise à distância em tempos de pandemia: Um relato sobre a live da Constructo da Terça Psicanalítica. *Constructo – Revista de Psicanálise*, 5, 250-255.

Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Laplanche, J. (1993). *Problemáticas V - A tina: A transcendência da transferência*. São Paulo: Martins Fontes.

Laplanche, J. (2015). *Sexual: A sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. Porto Alegre: Dublinense.

- Tabacof, D. (2020). Mantener el próprio encuadre interno. *Tópia*, 88, 24-25.
- Tarelho, L. C. (2012). A teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche e o descentramento do ser humano. *Jornal de Psicanálise*, 45(83), 97-108.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 21/01/2021

Aceito em: 26/01/2021

Larissa Bastiani Roggia
Rua Dom Pedro II, 319/303
90550-142 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: larissabastiani@hotmail.com